

A SOCIEDADE BRASILEIRA NA LITERATURA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: identidade nacional e a construção do “ser brasileiro”

Artur Silva Almeida¹
Priscila Santos da Glória²

Resumo

Nesse artigo busco evidenciar como no século XIX, num contexto de formação do Estado brasileiro e de busca por uma identidade nacional, a função que a literatura deste século teve na construção de símbolos de identificação do heterogêneo povo brasileiro, percebendo as influências externas para sua formação, influenciado pela entrada das teorias raciais a partir de 1870 no campo teórico brasileiro. Para isso utilizo interpretações de José Luiz Fiorin, Sidney Chalhoub, Lília Schwartz, e John Gledson, sobre a construção da identidade brasileira. E analiso passagens dos livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, e *O mulato* de Aluísio de Azevedo.

Palavras chave: Identidade nacional; Literatura; História.

Introdução

Este artigo busca evidenciar o papel da literatura no século XIX, no sentido de empreender no território brasileiro a elaboração de uma identidade nacional durante esse período. Para isso utilizei as interpretações feitas por autores que trabalham com a temática, História e Literatura. A análise das influências externas para essa formação e a inclusão desse movimento num contexto mais amplo de confecção de identidades nacionais e do sentimento de pertencimento, visto que essa é um processo que envolve não apenas o Brasil, mas também outros Estados ocidentais.

Para o Brasil, a construção de uma identidade unificadora no século XIX, serve como identificador de quem são os brasileiros que constituem essa sociedade, que tem em suas bases no encontro conflituoso de diferentes povos: uns oriundos do Atlântico (europeus e africanos), e outros naturais das organizações autóctones presentes na América. Então se faz necessário perceber o projeto de nação do fim do século que exaltava o progresso como algo necessário para a população brasileira. Para realização do artigo fora feita pesquisa

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Departamento de Educação- DEDC/Campus X, e-mail: arrtualmeida@gmail.com

² Orientadora, professora assistente do colegiado de História, campus X UNEB, mestre em História Regional e Local (UNEB)

bibliográfica aliada à análise de passagens dos livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, e *O mulato* de Aluísio de Azevedo.

A relevância desse tema se dá visto ao novo enfoque dado pela historiografia, que proporcionou sua abertura para estudos sobre História social e cultural, utilizando como análise uma metodologia que trate a literatura como documento histórico de uma determinada época. Porém, essa perspectiva de análise histórica é relativamente recente, sendo assim, faltam textos com essa abordagem em História tratando dessa temática, o que torna a construção da identidade nacional do século XIX, um campo que precisa ser explorado.

Ao final dessa pesquisa percebe-se como que a penetração das teorias deterministas e evolucionistas importadas da Europa tiveram um impacto em várias esferas de nossa sociedade, e como a literatura foi um mecanismo propício para a difusão. E esse ideário de progresso e modernização importados pela elite da época para sociedade, serão elementos que comporão o ideal de civilização onde a presença dos negros deveria ser apagada, visto sua suposta “responsabilidade” pelo atraso enfrentado pelo país.

Contexto de busca por uma identidade nacional

No século XIX, o Brasil, assim como outros países, tanto na Europa, quanto na América recém liberta da colonização europeia, houvera a procura por identificações, ou mesmo criar, aspectos que unifiquem a população em torno de um sentimento de nação.

Fiorin ressalta, que seria impossível falar em nações antes desse século, visto que tanto na Europa como em qualquer outro território, a nação era algo desconhecido da população e de seus governantes, pois o pertencimento a nação envolve um sentimento de identidade, no qual, a assimilação dos indivíduos com elementos compartilhados, criados em torno de uma identificação comum, de mitos, heróis e símbolos (2009, p. 116). Em outras palavras, nação e seu sentimento de pertencimento é resultado de um processo de criação, invenção, e imaginação, que por mais que seja naturalizado por aqueles que a compõe, é um sentimento oriundo de uma construção histórica que envolve um processo de construção, e também transformação (RODRIGUES, 2012, p. 78).

Nos países da América espanhola, antes da independência, já havia a tendência de um sentimento de pertencimento local, visto o incentivo dado pela elite burocrática e também

pela imprensa regional, onde mesmo o processo de independência houve um intenso conflito contra a Coroa espanhola, resultando na criação de várias repúblicas dissociadas da antiga metrópole (GLEDSON, 1998, p, 16).

Nesse movimento histórico de confecção das identidades nacionais no século XIX, o processo de criação de uma identidade brasileira, irá se configurar como um caso complexo em muitos aspectos, em especial na maneira como foi concebido o Estado brasileiro. O Brasil se torna independente, tendo como líder oficial um membro da família real portuguesa, D Pedro. Aqui há também a consolidação de uma monarquia num território que durante a sua colonização, fora segmentado em divisões administrativas ligadas diretamente à metrópole que com a independência se unificaram em torno de um único Estado (GLEDSON, 1998, p. 16).

Além disso, a população do recém-formado Estado era composta, grosso modo, por: indígenas, uma grande massa negra escrava, uma ínfima parcela da população branca rica, e os pobres livres formados por uma heterogeneidade de pessoas. Dada essas conjunturas, construir um espírito, ou melhor, um sentimento de pertencimento em uma sociedade tão desigual e estratificada, mapeando a diversificação das relações sociais por esta elaboradas, é no mínimo complexo e arriscado, porém é uma tarefa que é abraçada, também pela literatura brasileira do período.

A literatura do século XIX foi marcada por esse momento de instabilidade de identidade nacional, onde o país necessitava de um elemento unificador que em meio às circunstâncias que levaram a seu processo de emancipação política de Portugal. Precisava criar personagens que se distanciassem da antiga metrópole europeia e fosse de acordo com os interesses das camadas dirigente da sociedade e com as novas demandas sociais derivadas das mudanças políticas e econômicas vivenciadas.

Esse momento de instabilidade de pertença pode ser exemplificado pela interpretação de John Gledson sobre o conto de Machado de Assis, *O espelho*, um conto da coletânea *Papeis Avulsos*, onde o tema identidade nacional é um tema comum tratado nesses contos (1998). Em *O espelho*, a personagem Jacobina ao olhar um velho espelho de origem portuguesa, não vê mais do algo vago, embasado, e indefinido, representando assim o momento em que o Brasil

não sendo mais colônia de Portugal, fica sem uma identidade definida, um país sem rosto, uma sociedade sem símbolos (GLEDSON, 1998, p. 18).

A ideologia científica nos meios literários: o imperialismo brasileiro e as teorias do determinismo social.

Como salienta Lilia Schwarcz no livro *Espectáculo das raças* (1993), a partir dos anos de 1870, ocorre no país uma intensa penetração de estudos com o julgo científico importados da Europa que buscavam, dentro desse contexto histórico, explicar por meio das teorias biológicas raciais deterministas, o porquê de algumas sociedades se desenvolverem mais do que outras, tendo por base o modelo de desenvolvimento era ancorado no homem branco europeu. Nessas teorias o clima, a vegetação, a população eram argumentos para justificar o porquê que algumas espécies, no caso seres humanos, permanecerem “atrasadas” na escala biológica evolutiva.

Com a inserção desses estudos na sociedade brasileira, a elite intelectual nacional importa o molde das teorias deterministas e positivistas, reproduzindo aqui os modelos produzidos pelos países “civilizados”, encontrando assim, uma forma de se aproximar do mundo europeu. Além disso, a escolha dessas teorias em detrimento de outras que também estavam em voga na Europa se dá, pois, elas aplicadas no Brasil, tinham a função de explicar a razão pela qual o país não integrava o grupo dos países desenvolvidos.

Segundo essas teorias, a culpa por esse atraso em relação aos países desenvolvidos, seria principalmente, por causa da miscigenação ocorrida que “contaminou” a sociedade trazendo para cá características que degradavam o povo brasileiro e o afastava do modelo europeu de desenvolvimento e civilidade. Ou seja, essas teorias aplicadas em território nacional com vista a evidenciar as diferenças internas da sociedade, constituiu uma espécie de “imperialismo interno”, como define Schwarcz. (1993, p. 38)

Essas teorias se propagaram pelo o senso comum social da época, repercutindo por meio de folhetins, jornais, e principalmente através da literatura. Uma literatura positivista evolutiva, presente no movimento literário naturalismo foi um forte veículo de divulgação dessas ideias, como por exemplo, no enredo de romances como; *A carne*, *A esfinge*, *O Ateneu*, os personagens apresentam características dos discursos do darwinismo social de inclinação

pessimista com relação à sociedade brasileira, devido à sua miscigenação (Schwarcz, 1993, p. 43).

Uma das alternativas para superar esse “defeito” na constituição racial do povo brasileiro era a importação de população branca europeia, visto que para muitos membros das elites brasileiras, essa era uma possibilidade para que, a partir do embranquecimento da população, a nação se tornaria civilizada como a Europa.

Essas teorias raciais de embranquecimento se avultam na sociedade, com término do XIX e começo do XX. A principal justificativa era superar a sua “trágica” miscigenação que havia condenado o país a um atraso, como apontavam os teóricos das ideias deterministas e evolutivas. Pois, nesse momento a entrada dessas teorias o elemento negro ou mulato da sociedade serão tratados como responsáveis pelo atraso cultural do país ou tinham que passar pelo processo de superação de sua inferioridade a partir de sua miscigenação com o branco (MORAES, 2008: 122).

A identidade nacional e a miscigenação.

No seu artigo *A construção da identidade brasileira* Fiorin, buscando quebrar com a interpretação da cultura brasileira que a estabelecem como algo baseado na mistura, mostra como a identidade brasileira foi historicamente construída nos meios literários do século XIX, e sua interpretação merece ser trabalhada nesse artigo.

Trabalhando com estudos de Annie-Marie Thiesse, ele estabelece dois princípios predominantes na elaboração de cultura. O primeiro princípio é o de triagem, nesse princípio exclusão surge como fator predominante que provoca a denominação do que é puro e do que é impuro, onde aquilo que não pertence a uma cultura pura e exclusiva é descartado. O outro princípio é o da participação é estabelecido pela mistura, onde elementos isolados são considerados incompletos e com a mistura com outros elementos proporciona. E baseado nesse segundo princípio é que a cultura brasileira através da literatura é formatada.

Por exemplo, a presença negra na sociedade foi retratada nos escritos como *O cortiço*, com a personagem Rita Baiana e *O mulato*, ambas as obras de Aluísio de Azevedo que são textos que buscam marcar a presença do negro na sociedade brasileira. Todavia essa inclusão ocorre

nesse contexto onde as teorias raciais estão em voga, em que a busca por um embranquecimento da população com vista a superar a sua deficiência provocada pela miscigenação com o negro, considerado irracional e raciocínio incivilizado.

Em *O mulato*, (obra escrita originalmente em 1881, período de difusão das ideias deterministas e raciais no Brasil), procura-se fazer a defesa da miscigenação e buscando combater o racismo, o autor estabelece uma linha de pensamento diferente do que pensava a elite branca, que no romance é ambientalizada em São Luiz. Aluísio Azevedo faz a defesa do mulato, pois, para ele

a mistura é vista como um processo de melhoramento, que aproxima o negro do branco. Não se celebra a mistura em si mesma, mas como uma maneira de aproximar-se da pureza do branco. (Florin, 2009: 122)

Ou seja, Aluísio tenta defender o mulato do racismo da época que aproximava o mulato, fruto de uma miscigenação entre o negro e o branco, a um negro, e que por isso era um ser “incivilizado” e “inferior”. Para isso o autor coloca o mulato na posição de um quase branco, pois, mesmo que o mulato tenha em sua árvore genética a herança racial negra, no entanto ele também é composto por uma parcela branca e sua inserção na sociedade deveria ocorrer de forma que esse lado afluísse. Colocando o elemento branco superior em relação ao negro e o contado com aquele tem a função de melhorar a raça de forma a ela se aproximar do ideal branco civilizado.

Outro elemento que mostra esses ideários de embranquecimento da população se dá na caracterização do personagem Raimundo, o mulato. Em sua caracterização o autor descreve vários traços do personagem que no caso era fruto da relação entre o senhor pai, o senhor branco e sua escrava negra, ele apresenta os seguintes traços físicos

{...}seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos, e crespos, tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta elegante; pescoço largo, nariz direto e fronte espaçosa.

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente, sem armar efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e um, pouco menos á política.

Em toda sua vida, sempre longe da pátria, entre povos diversos, cheias de impressões diferentes, tomada de preocupações de estudos {...}. (AZEVEDO, 2003 p. 40)

Percebe-se que mesmo sendo fruto de uma relação entre escrava e um fazendeiro branco, ele apresenta traços que mais se aproxima da posição social e racial de seu pai, como os *olhos azuis, a tez amorenada*, ser um homem de negócios, que havia estudado fora do país, nos Estados Unidos e Europa, bem diferente de outros “mulatos” que viviam na sociedade brasileira no período em que a obra foi escrita. Em outras palavras, mesmo tendo em seu passado uma origem negra, os elementos descritos para caracterização do personagem, ou mesmo a sua participação na história estão mais próximos dos traços presentes na camada aristocrática branca da sociedade de São Luiz.

Teorias raciais em Memórias Póstumas de Brás Cubas

Sidney Chalhoub em *Machado de Assis Historiador* (2003) analisa como que os escritos de Machado de Assis são de uma riquíssima fonte para investigar a sociedade brasileira do final do século XIX. Contudo por causa do recorte temporal do artigo, me centrarei na parte do livro em que ele destaca a análise do livro a forma como o protagonista defunto do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, se reporta a sua vida e as pessoas que participaram dela de forma a evidenciar a presença dos escritos raciais na obra de Machado.

Machado de Assis escreve *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no início desse movimento de racismo científico, a partir da década de 1870. Ele percebe o modismo e os impactos que a adoção desse modelo para examinar a realidade brasileira irá causar na sociedade. Então nesse clima de explicação da realidade nacional a partir de teorias raciais é que Machado de Assis, em 1881, publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, satirizando a entrada na sociedade, desses discursos evolucionistas que buscavam entender, e justificar, a conjuntura nacional.

Da vivência narrada pelo personagem, dois momentos são elencados por Chalhoub como cruciais para análise desse personagem nos moldes do darwinismo social. Uma delas é quando Brás ao sair do banheiro se depara com uma borboleta negra que pousa na sua testa e depois de espantada por ele com a toalha, ela retorna e assenta no retrato de seu pai, ficando lá observando ela parada movendo suas asas. Irritado com o aparente escarnio da borboleta sob o retrato, ele num movimento com a toalha, a mata.

Após cometer essa ação, Brás começa a se questionar se por acaso a borboleta fosse de outra raça, o seu destino teria sido diferente, e se põe a imaginar como seriam os últimos pensamentos desse ser. Supondo que ao vê-lo a borboleta achasse que, por seu “ar divino e estatura colossal”, ele era o criador das borboletas e por isso ela beija-o na testa, por a sua rejeição pousa no retrato do pai desse inventor suplicando por misericórdia (CHALHOUB, 2003, p. 108).

Como corrobora Chalhoub, o personagem se insere numa lógica senhorial patriarcal, imaginando que tudo gira ao seu redor, como se aos seus subordinados restasse-lhes a condição de coisa que exerciam no mundo, ou seja, tinham apenas a finalidade de servi-lo. É como se a borboleta negra, representando os escravos negros, eram seres que não agiam por vontade própria e a sua liberdade só aconteceria segundo a vontade de seu senhor e como assim ele quisesse.

Outro momento no qual Brás demonstra sua suposta superioridade é quando ele fala de sua atração por Eugênia (o que faz uma alusão à ciência Eugenia³, que havia uma grande penetração dessa ciência na sociedade brasileira). No entanto, mesmo atraindo os olhares de Brás, ela se mostra “inadequada” para ser a sua esposa, segundo ele, o defeito dessa jovem se dava justamente por ser “coxa”:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?(ASSIS, 2004, p. 33)

No trecho acima, fica nítido como que para Brás o fato de ela ser coxa se mostra enquanto impossibilidade para um envolvimento entre os dois, pelo menos por parte dele. Percebe-se que mesmo tendo uma admiração pela beleza da jovem, o fato de ela ter uma deficiência física a desqualifica enquanto sua futura esposa, visto que, segundo as teorias científicas vigentes de então, a prole oriunda da união de Brás com Eugenia carregaria uma deficiência, visto a “inferioridade” da mãe seria transmitida aos seus filhos.

Considerações finais

³ Foi a ciência fundada por Francis Galton na Inglaterra em finais do século XIX, que em, linhas gerais, visava o aprimoramento da espécie humana a partir do selecionamento dos seus progenitores.

A importância de analisar a conjuntura do final do século XIX e a construção da identidade nacional a partir da literatura do período em questão, se dá na verificação do processo de construção do “Ser brasileiro”. Percebendo que por mais que ideologicamente empreendemos uma visão de Brasil baseada na mistura harmoniosa de povos, eternizada na obra de Gilberto Freire Casa Grande & Senzala, esta se mostra perigosa e até mesmo equivocada para compreender a totalidade do processo de consolidação nacional.

Pois, visualizando através da literatura as várias influências que esse processo recebeu durante esse contexto histórico do século XIX, em um movimento que não apenas necessitava da criação de um Estado, como também identificação que abarcasse uma totalidade nacional, em uma sociedade marcada pela exclusão de vários segmentos que a compunham necessitando de alguns “ajustes” para seu encaixe dentro do projeto de nação.

A vigência das teorias raciais importada dos acadêmicos europeus teve no Brasil o papel de justificar e explicar a justificar o atraso no estágio civilizatório da sociedade, colocando o branco europeu como padrão de desenvolvimento e propondo como justificativa para o atraso brasileiro a importação de europeus com vista embranquecer a população, livrando-a da estigmatizada origem dos povos africanos e seus descendentes.

E esse pensamento vai se absorvido pela literatura da época de forma a preconizar assim, uma identidade nacional que devido a sua miscigenação com o elemento negro provocou sua deterioração, como nos casos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em Machado de Assis, e *O mulato* de Aluísio Azevedo, onde os seus personagens centrais vão mostrar características falta algo aqui resultado das influências dessas teorias raciais.

No caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis através do personagem central, satiriza a elite intelectual brasileira que internaliza o pensamento europeu em sua realidade fazendo com que o olhar desse protagonista defunto, ou seja, estratificando as pessoas e as coisas em sua volta, de acordo com sua lógica de superioridade devido a sua suposta origem social e biológica. Já em *O mulato* de Aluísio Azevedo, o personagem central também sofre influência desse pensamento da época, porém faz uma defesa pela integração do mulato, fruto da miscigenação do branco com o negro, na sociedade. Isso por que por mais que seu sangue não fosse totalmente europeu ele trazia uma parcela deste elemento que poderia ser potencializado na sociedade de forma que este possa europeizar-se.

Em todos os casos se percebe como a sociedade brasileira representada pelo ambiente literário desse período, será concebida como uma sociedade que visto o processo histórico de miscigenação, necessitava passar por um movimento de transformação e de superação de sua condição miscigenada que corrompeu o sangue “puro” europeu. E o elemento negro é representado como responsável da degeneração e do atraso do povo brasileiro em relação às sociedades “civilizadas”.

Referências:

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Barueri: Gold Editora Ltda, 2004

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 20 ed.- Rio de Janeiro: Editora Àtica. 2003

CHALHOUB, Sidney. Ciência e ideologia em Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: _____ **Machado de Assis, Historiador**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009. Disponível em <revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/download/3002/1933> acessado em 23 de outubro de 2013

GLEDSON, John. A História do Brasil em papéis avulsos de Machado de Assis. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. CHALHOUB, Sidney. **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org). **A História Contada** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed – São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MORAES, Ádamo Guedes Santos de. **O cosmopolitismo e a insensatez: a loucura como conformidade cultural no Rio de Janeiro de Machado de Assis**. – João Pessoa, 2008

RODRIGUES, Isadora Almeida. Literatura e memória: Lima barreto e a construção do imaginário nacional. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê**, Janeiro de 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Entre “Homens de Ciência” In: _____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.